



# Heterogeneidade discursiva no discurso de divulgação científica: uma análise a partir de textos da Revista *Língua Portuguesa*

## Heterogeneity of the discourse of scientific dissemination: a study of *Língua Portuguesa Magazine*

*Roziane Keila Grando\**

*Maicon Ferreira de Souza\*\**

*Osmar Ambrósio de Souza\*\*\**

---

**RESUMO:** O presente artigo busca compreender o funcionamento do discurso de divulgação científica, tomando como corpus de análise duas publicações da revista *Língua Portuguesa* acerca do tema "Redação do Enem". Partindo da concepção de ciência enquanto prática social e ideológica, tendo como referencial teórico a Análise de Discurso de linha francesa (PECHEUX, 1997; ORLANDI, 2001), a preocupação foi fundamentada no modo como os diferentes sujeitos - o cientista, o jornalista e o leitor - se movimentam, isto é, se constituem no discurso de divulgação científica, sendo interpelados tanto pelo poder/verdade da ciência, quanto pelo poder/verdade da mídia. O foco na compreensão da caracterização do discurso de divulgação científica como um espaço discursivo intervalar, evidência do entrecruzamento de diferentes sujeitos e as diferentes ordens de saberes, as diferentes posições-sujeito que esses sujeitos ocupam, bem como as instituições que eles representam,

**ABSTRACT:** This article aims to understand the functioning of the discourse of Scientific Dissemination based on two publications of the Portuguese Language Magazine on the subject "Redação do Enem". Based on the conception of science as a social and ideological practice and the work Discourse Analysis of French Line (PECHEUX, 1997; ORLANDI, 2001) as theoretical reference, our concern focus on how different subjects - the scientist, the journalist and the reader - constitute the discourse of Scientific Divuligation through questions on the vigor/truth of science and the vigor/truth of the media. The focus on the understanding of the characterization of the discourse of Scientific Divuligation as an interval discursive space reveals the intertwining of different subjects and the different orders of knowledge, the different subject positions that these subjects have, as well as the institutions that they represent, which testifies to the

---

\* Professora Mestre-Assistente de Letras da Unicentro. [kekegrando@yahoo.com.br](mailto:kekegrando@yahoo.com.br)

\*\* Professor Mestre-Assistente de Comunicação Social da Unicentro. [maiconferreira@unicentro.br](mailto:maiconferreira@unicentro.br)

\*\*\* Professor Doutor-Titular de Pesquisa e Estatística da Unicentro. [osmar@osmarambrosio.mat.br](mailto:osmar@osmarambrosio.mat.br)

o que atesta a constituição heterogênea desse discurso. Como resultado, ficou constatado que todo discurso é atravessado por outros discursos, e que o sentido sobre o que deve ou não ser avaliado nas produções dos candidatos às provas do Enem está diretamente relacionado ao entrecruzamento das vozes dos especialistas, que estão presentes nesses enunciados heterogêneos.

heterogeneous constitution of this discourse. As a result, it was verified that every discourse is crossed by other discourses, and that the meaning on what should be evaluated in the productions of the candidates of ENEM exams is directly related to the intertwining of the experts' voices that are present in these heterogeneous statements.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heterogeneidade mostrada. Heterogeneidade constitutiva. Discurso de divulgação científica. Movimentos do sujeito.

**KEYWORDS:** Shown Heterogeneity. Constitutive Heterogeneity. Discourse of Scientific Divulagation. Subject.

## 1. Introdução

Este trabalho trata de questões relacionadas ao discurso, em especial ao discurso de divulgação científica. O foco está no funcionamento do discurso de divulgação científica, tomando como corpus de análise duas publicações da revista *Língua Portuguesa*<sup>1</sup>, publicados entre os anos de 2012 e 2013. O estudo é de orientação da escola francesa de Análise de Discurso - AD, partindo da concepção de ciência enquanto prática social e ideológica, com base em autores como (PECHEUX, 2009 [1975]; ORLANDI, 2001; AUTHIER-REVUZ, 1990; 2004; GRIGOLETTO, 2005; 2008).

---

<sup>1</sup> A revista *Língua portuguesa* é uma revista mensal da Editora Segmento. “A revista *Língua Portuguesa* se lança ao compromisso de flagrar momentos do cotidiano em que essa realidade se verifica. Capturar a tenacidade do idioma português – e da fala brasileira em particular – no pleno vigor de sua existência. Registrar seu alcance e sua dimensão, a herança e a riqueza material, mas em especial sua atualidade. Um mergulho nas muitas histórias do idioma e na sua permanência entre culturas variadas, mas também o relato das contribuições das raças e dialetos que a ela se mesclaram. O interesse pelo português se evidencia para além do estudo da gramática ou de seus padrões. O domínio da linguagem, tanto oral quanto escrita, tornou-se indispensável para a vida profissional e é por intermédio dela que se garante a própria cidadania. É a essa demanda prática e social que a revista *Língua* pretende atender, ao identificar e colocar em discussão o que há de mais relevante no idioma português, na fala brasileira e variantes”. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/fixos/a-lingua-243330-1.asp>. Acesso em 19 de fevereiro de 2014.

O objetivo foi compreender a caracterização do discurso de divulgação científica como um espaço discursivo intervalar, no qual se entrecruzam diferentes sujeitos e as diferentes ordens de saberes, as diferentes posições-sujeito que esses sujeitos ocupam, bem como as instituições que eles representam, o que atesta a constituição heterogênea desse discurso. Dessa forma, trabalhamos a questão da heterogeneidade constitutiva e mostrada, com base em Authier-Revuz (2004) e os movimentos do sujeito jornalista com base nas afirmações de Grigoletto (2005; 2008) tomando como *corpus* de análise a Revista Língua Portuguesa. A escolha se justifica na medida em que, como formadores de professores, existe a preocupação de melhor entender o funcionamento do discurso de divulgação científica como espaço intervalar e heterogêneo<sup>2</sup>.

Para atender aos nossos objetivos, escolhemos 2 textos veiculados no período de 2012 a 2013, com a temática Redação no Enem. O primeiro, com publicação em julho de 2012, nº 81, intitulado: “Mudanças no perfil do Enem”. E o segundo, publicado em 2013, nº 91, intitulado como “Polêmica instantânea”. Estes dois textos retratam o momento atual que estudantes e professores de língua portuguesa, dos mais variados contextos, vivem com relação ao ensino da disciplina de Língua portuguesa.

## 2. A análise de discurso como embasamento teórico analítico

Análise de discurso, doravante AD, é uma proposta de intervenção no tocante ao sujeito, história e língua, numa relação direta com a linguística, a psicanálise e o marxismo. A AD toma a linguagem como mediadora entre o homem e sua realidade natural e social (INDURSKY, 1999). Assim sendo, é um quadro teórico que entende a língua como materialidade específica do discurso, o qual é a materialidade da

---

<sup>2</sup> Agradecemos a participação no grupo de pesquisa Língua & linguagens (UNICENTRO), liderado pela professora Maria Cleci Venturini.

ideologia e, que por consequência, é produto da constituição do sujeito e do sentido. (PÊCHEUX, 2009 [1975])

A intervenção é compreendida como uma característica fundante da disciplina: ser intervalar, no sentido de que é constituída no meandro destas três vertentes: a linguística, a psicanálise e o marxismo. Considera-se, portanto, uma disciplina de entremeio que reinscreve suas questões a cada prática analítica, em um movimento de compreensão da teoria em sua relação à prática.

Por isso, assumimos como Pêcheux (2009), que o sujeito do discurso não é empírico, isto é, que diz “eu”, e que se coloca como origem do dizer, mas aquele que está inserido numa formação social e é interpelado em sujeito, o qual é atravessado inconscientemente pela ideologia. A interpelação do sujeito é evidência que há, em seu discurso, marcas do ideológico, do social e do histórico. Dessa forma, na perspectiva teórica adotada, o sujeito ocupa um lugar social e seus dizeres são constituídos pela interpelação que é feita à forma-sujeito e aos saberes que constituem o sujeito do saber (interdiscurso).

A ideologia, produz o efeito de transparência da linguagem, isso porque os sentidos são determinados pelas posições ideológicas que os sujeitos escolhem, os quais são interpelados pelas ideologias que se valem (PÊCHEUX, 2009 [1975]).

A interpelação sofrida pelos sujeitos dá-se em função das formações discursivas, e

chamaremos, então, de formações discursivas aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito*[...] (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 160).

Nessa situação do “que pode e deve ser dito”, surge o Jornalismo Científico, que passa a ocupar um lugar de mediador entre o que é do âmbito do conhecimento científico, ou seja, entre a academia e o que é do conhecimento da população em geral, por meio da mídia. Nesse funcionamento, as relações de poder permeiam o

discurso pela disputa “no espaço da mídia e, por sua vez, na sociedade.” (GRIGOLETTO, 2008, 47).

Em sintonia com Orlandi (1999, p. 63) entendemos os textos jornalísticos como “fatos da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva”. Tais textos (no sentido de terem uma extensão, coesão e coerência) precisam ser relacionados a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou a outra formação discursiva, isto é, aquilo que pode e deve ser dito numa dada conjuntura sócio-histórica. O Jornalismo Científico opera, então, como administrador de sentidos da informação científica. O jornalista, ainda segundo Grigoletto (2008, p. 48), “está determinado pelo poder/verdade da mídia, e também pelo poder/verdade da ciência” que é quem administra a materialização dos sentidos e o faz constituído pela ilusão de ser a origem do que é dito.

### 3. O discurso de revista e de divulgação científica

Venturini (2009, p. 44) conceitua os discursos “midiáticos” como discursos *sobre* “[...] (que por sua vez advêm de um discurso *de*) e originam outros discursos, constituindo-se como discursos sobre determinados por outros que sustentam e lhes dão textualidade”. Ao dar conhecimento ao discurso *sobre* e não ao discurso *das* mídias evoca-se a relação destacada por “discurso sobre e discurso do”, formulada por Orlandi (1990, p. 37):

[...] Consideramos que os “discursos sobre” são uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos [...] o discurso “sobre” é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos *de*) [...] é parte integrante da arregimentação (interpretação) dos sentidos do discurso do [...]. Ele organiza, disciplina a memória e a reduz.

Para Moura (2008, p. 2) “[...] A unidade de sentido da enunciação jornalística é um efeito de sentido articulado às posições do enunciador relativamente ao acontecimento enunciativo”.

O sujeito na AD não é empírico<sup>3</sup>, mas sujeito do discurso que carrega marcas do que é social, histórico e ideológico. Pêcheux (1975 apud GRIGOLETTO, 2008, p. 49), recorre para a “Semântica e Discurso” lembrando que o lugar do sujeito não é vazio, pois é completado pela *forma-sujeito*, ou ainda, “sujeito do saber de uma determinada formação discursiva,” isso inclui dizer que “os enunciados assim como as palavras têm sentido na formação discursiva em que se inscrevem e não fora dela”(VENTURINI, 2009, p. 34). Assim sendo, o sujeito-jornalista se posiciona na função *de* para significar o texto jornalístico, e este abre a opção de verificar o movimento de entender a memória do discurso de divulgação científica que se atualiza no dizer dos textos, isto é, que ganha corpo na formulação (ORLANDI, 2001).

Para Moura (2008, p. 2),

O funcionamento do acontecimento jornalístico, como outros tipos de acontecimentos discursivos, é também constituído por dispersão. Nas matérias do jornal, a dispersão <sup>4</sup>do sujeito-enunciador ocorre porque elas próprias, investidas de interdiscursividade, entendida como memória, são em si dispersão de discursos diversos, de fragmentos interdiscursivos demarcadores das posições do enunciador jornalístico.

É comum ouvir e entender a ciência enquanto detentora da verdade incondicional. Nesse sentido, Pêcheux (2009 [1975]) posiciona-se contrário ao mito que estabelece a lógica como um princípio da ciência, isso porque a ciência fica

---

<sup>3</sup> Como já articulado, para Pêcheux (1997, p. 160) os sujeitos se inscrevem em determinadas formações discursivas, pois todo dito é sustentado por um dizer anterior, que pelo eixo da formulação através do funcionamento da memória são realizadas pelas coerções sociais imputadas a grupos, pois as Formações Discursivas (FDs) funcionam como normatizadoras do funcionamento, determinando o que pode e deve ser dito, ou feito a partir de um determinado lugar.

<sup>4</sup> A esta dispersão adotaremos a nomenclatura Heterogeneidade, conforme Authier-Revuz (2004).

reduzida a uma prática de escolhas entre enunciados verdadeiros e falsos, sendo desconsideradas as condições historicamente determinadas em função do surgimento destes enunciados. Dessa forma, ao fazer a reflexão sobre a ciência e o processo de divulgação argumenta que: não se pode separar a história da produção dos conhecimentos das lutas de classes, isso porque o conhecimento é determinado pela ideologia e pela história.

Sendo assim, os cientistas desenvolvem uma práxis dedutiva ou indutiva sob o objeto qualquer de sua escolha, num determinado campo do conhecimento. Para Foucault, os cientistas compõem um grupo privilegiado e instituído de qualificação para proceder com um enunciado verbal sendo competentes no assunto. A fala do cientista se restringe nessa área, pois “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2003, p. 37). A competência desse discurso é restringida e determinada pela sociedade que Foucault intitula enquanto “sociedade de discurso”, tendo os mecanismos restritivos “[...] cuja função é conservar ou produzir discursos, para fazê-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (p. 39). A questão do discurso é colocada de forma que contemple o produtor, o locutor do enunciado dentro de normas restritas.

Por isso, o discurso de divulgação científica é visto como resultado da relação que se estabelece entre o discurso científico e o discurso jornalístico (ORLANDI, 2001). Grigoletto (2005) nomeia este evento como Discurso intervalar - DDC, pois embora não seja um novo discurso, o DDC não rompe com o discurso científico e continua a produzir deslocamentos.

#### 4. O lugar discursivo e o discurso intervalar

O desenvolvimento da sociedade, principalmente o que os meios de comunicação de massa possibilitaram, trouxe o advento do discurso de divulgação científica entendido como resultado da ciência em busca da democratização do saber. Nesse entremeio está a mídia, quem determina o que pode ser divulgado ao grande público (GRIGOLETTO, 2008).

Grigoletto (2008) refere-se ao DDC como um discurso constituído pela heterogeneidade, do qual ecoam vozes que tanto instituem a repetibilidade, quanto os deslocamentos de sentidos. É o lugar discursivo que vai representar os diferentes modos de relação, não só da forma sujeito, mas também com as diferentes posições-sujeito que o DDC pode abrigar. Conforme Grigoletto (2005) a “formação discursiva compreende o espaço discursivo, que, por sua vez, abriga o lugar discursivo que se relaciona tanto com a forma-sujeito quanto com as diferentes posições-sujeito que operam no discurso a partir dele” (GRIGOLETTO, 2005, p. 161)

Zamin e Schwaab (2007) ao referirem-se sobre o sujeito jornalista, observam que:

Sob efeito de um mesmo lugar social, o sujeito pode ocupar lugares discursivos diferentes, sob os quais pode assumir diferentes posições-sujeito. Logo, o jornalista pode, a partir desse lugar social, assumir o lugar discursivo de jornalista de política e ocupar-se/comprometer-se com o discurso sobre política, ou de jornalista de economia, ou meio ambiente etc. (ZAMIN; SCHAWAAB, 2007, p. 38).

Barbosa (2008) argumenta que a divulgação científica é focalizada como acontecimento e ato, exercendo funções com características que estão ligadas ao social e aos aspectos críticos da cultura. O ato de divulgar ciência não só transforma em linguagem pública o discurso especializado do cientista, como propõe uma nova contextualização de sentido, não sendo uma mera paráfrase, mas sim um novo deslocamento de sentidos que acontece por meio do que Authier-Revuz (1998) vai



chamar de atividade de reformulação textual. Explicaremos com mais detalhes na próxima seção.

## 5. A heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz

Para Authier-Revuz (1998), o discurso gerado pela prática de divulgação científica é o resultado de uma atividade de reformulação textual – discursiva de um discurso fonte - o científico - em um outro discurso - da vulgarização, que é direcionado para um público específico para o qual as adaptações devem estar a serviço da compreensibilidade.

Authier-Revuz (1998) entende esse discurso como autorepresentação do dialogismo, pois ao mesmo tempo em que faz a divulgação científica, o fazer fica evidenciado tanto no nível de estrutura enunciativa, quanto no nível do fio do discurso.

Ao explicar a heterogeneidade discursiva Authier-Revuz (1998) baseia-se em fenômenos discutidos também por Bakhtin com relação às formas sintáticas do discurso indireto, do discurso direto e do indireto livre, designando no plano da frase, um outro ato de enunciação (BARBOSA, 2008).

Para Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), a heterogeneidade é estabelecida a partir da ideia de heterogeneidades enunciativas, apresentadas como sendo de dois tipos: a constitutiva e a mostrada (esta última marcada ou não marcada), consideradas como processos distintos: o primeiro refere-se “aos processos reais de constituição de um discurso”; o segundo, aos “processos de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32).

Nessa distinção, entre as heterogeneidades constitutiva e mostrada, Authier-Revuz (1990, p. 26) considera os casos de heterogeneidade mostrada como “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”. Para a autora são dois tipos de

enunciados: os que mostram a heterogeneidade explicitamente, e aqueles cujas marcas não são mostradas.

A teoria da heterogeneidade vê o trabalho como um fato de linguagem, como ato que transforma o espaço de compreensão do sujeito considerando a relação da linguagem com sua exterioridade, pois o discurso se constrói entre os interlocutores num jogo de vozes no interior do próprio discurso. (AUTHIER-REVUZ,1990)

Mediante essa noção de heterogeneidade enunciativa proposta por Authier-Revuz (1982, 1990, 2004), analisaremos o funcionamento dos elementos interdiscursivos pela e na língua, de maneira marcada e/ou não marcada em textos de divulgação científica da revista comercial intitulada *Língua Portuguesa*, produzidos por profissionais da área do jornalismo acerca da temática “Redação no Enem” (Exame Nacional do Ensino Médio).

## **6. Análise e discussão dos dados**

Na medida em que os textos produzem conhecimento e projetam a imagem de um leitor, esses textos jornalísticos trazem visibilidade a um trabalho de textualização da memória discursiva, produzindo, de acordo com Mariani (1999), “sentido e memória”.

Vale ressaltar, que se escolheu como categoria de análise, textos-jornalísticos, os quais circulam na sociedade atualmente e que foram matéria de capa das revistas, intitulados “Mudanças no perfil do Enem, por Carmem Guerreiro” e “Polêmica instantânea, por Adriana Natali” da Revista *Língua Portuguesa* com o objetivo de analisar os movimentos do sujeito e a heterogeneidade enunciativa presentes no discurso divulgação científica. Nesses textos, o sujeito autor fala de um lugar social e se movimenta, ocupando diferentes posições-sujeito, ou ainda, o discurso se constitui ora como heterogeneidade constitutiva, ora como heterogeneidade mostrada.

## 6.1. Os movimentos do sujeito no discurso da revista *Língua Portuguesa*

Grigoletto (2008) observa o modo como o sujeito jornalista se movimenta em dois domínios: a posição sujeito com incorporação do discurso científico, o qual funciona de forma intervalar com o posicionamento aderente ao discurso cotidiano. Estas duas posições funcionam a partir da inscrição do sujeito jornalista no lugar discursivo de jornalista científico. Observemos a Sequência discursiva 1:

### SD1: Mudança

Buscando diminuir o impacto dessa subjetividade nos resultados da redação, o Enem 2012 traz mudanças que prometem aprimorar a correção dos textos. *A partir deste ano, só poderá haver 200 pontos de diferença entre a nota do primeiro e do segundo corretor (a redação vale 1.000 pontos). No ano passado, a discrepância entre as duas correções podia chegar a 300 pontos; e em 2010, a 500. Ultrapassando a diferença de 200 pontos na redação toda ou de 80 pontos em cada uma das cinco competências, que valem 200 cada, a redação será encaminhada para o terceiro corretor. Este processo já acontecia até 2011, com a diferença de que, no total da redação, a tolerância máxima era de 300 pontos, não de 200, e neste ano o terceiro corretor não estará a par das primeiras notas. Mas a mudança prevê ainda que, se ainda houver discordância entre a terceira correção e as demais, a prova será encaminhada a uma nova banca de três corretores presidida por um professor doutor.* (In: Mudanças no perfil do Enem- Revista *Língua Portuguesa*/ julho de 2012/ p. 51, grifo nosso)

Nesta sequência, o sujeito do discurso, ao inscrever-se no lugar discursivo de jornalista científico, explica quais são as mudanças que prometem aprimorar a correção dos textos produzidos no Enem, pois é incorporado pelo sujeito do discurso um discurso que circula na ordem da ciência sobre esse campo do saber, neste caso dos especialistas no assunto da correção das redações do Enem. Ao afirmar que “A partir deste ano, só poderá haver 200 pontos de diferença entre a nota do primeiro e do segundo corretor (a redação vale 1.000 pontos)” e que “a mudança prevê ainda que, se ainda houver discordância entre a terceira correção e as demais, a prova será encaminhada a uma nova banca de três corretores presidida por um professor

doutor”, o jornalista fala como se fosse um dos sujeitos que constituem a comissão de avaliação das redações do Enem, na posição de, pois ele se identifica com os saberes dessa ciência e, julga-se, autorizado a comentar / relatar o que já aconteceu em outros anos (Este processo já acontecia até 2011, com a diferença de que, no total da redação, a tolerância máxima era de 300 pontos, não de 200).

No discurso de divulgação científica é recorrente a inscrição do jornalista no lugar discursivo de editor e o movimento de aderência ao discurso da ciência, à medida que recorta saberes que compõem o discurso da ciência e os descreve para o leitor em forma de relato, atuando como mediador entre os saberes da ciência e o senso comum. É o caso no fragmento 2 quando introduz a conjunção “ou seja”:

SD 2: Para ela, aumentar o número de possíveis correções para quatro só faz crescer o problema do Enem, que ela chama de “gigantismo”. *Ou seja*: se há cada vez mais redações a serem corrigidas, para ela a solução não seria multiplicar o número de correções feitas, pois as proporções do processo aumentam e a precisão da avaliação diminui. (In: Mudanças no perfil do Enem- Revista Língua Portuguesa/ julho de 2012, p. 54, grifo nosso)

Na SD3 o locutor, aquele que assume a responsabilidade pelo dizer, relata a visão de um dos seus entrevistados sobre a polêmica da avaliação da redação.<sup>5</sup> Mas para que os leitores possam entender no que consiste a prova objetiva e o que significa isso, descreve o significado “múltipla escolha” para o seu leitor. Faz isso a partir do que é da ordem do saber da ciência e, enquanto jornalista produz o comentário, dizendo “múltipla escolha”. Entendemos que ele procura isentar-se de um posicionamento, simulando neutralidade, pois não faz comentários e nem estabelece efeitos de conclusão a respeito do que deve ou não ser avaliado na

---

<sup>5</sup> Trata-se agora do segundo texto escolhido para análise, publicado 10 meses depois do primeiro que falava sobre a questão da avaliação da redação, em maio de 2013. A matéria relata acerca da polêmica causada pela redação de um candidato que escreveu como preparar macarrão instantâneo no meio do texto, na qual o tema foi o "Movimento migratório para o Brasil no século 21".

redação, somente descreve os posicionamentos da entrevistada. Esse evento de descrever o significado de um termo do discurso científico para um termo do discurso cotidiano é o que pode ser chamado, nas palavras de Grigoletto (2008), como “efeito-leitor”, pois consiste num entrecruzamento entre a incorporação do discurso científico e do discurso cotidiano.

SD 3: Para a professora, a dissertação precisa ser variada, e a relação deve explorar outros tipos de gêneros textuais. Além disso, ela propõe uma medida polêmica: tendo em conta que o Enem tomou proporções gigantescas, ele deveria ser tratado como um concurso público ou vestibular, e apresentar nota de corte. Sendo assim, só os candidatos com as melhores notas da prova objetiva (*múltipla escolha*) teriam suas correções corrigidas. (In: Mudanças no perfil do Enem- Revista Língua Portuguesa/ julho de 2012, p. 54, grifo nosso).

Como se vê na sequência 4, o jornalista faz a entrevista e a especialista responde, sustentando os movimentos dos sujeitos entre várias posições, de forma intervalar:

SD4: Aplauso

Para Maria Aparecida Custódio, professora e responsável pelo laboratório de redação do curso e colégio Objetivo, toda tentativa de minimizar as injustiças na correção é válida. *Ela conta que já viu alunos excelentes receberem 500 ou 600 pontos na redação em exames do passado, e quase todos que pediram revisão tiveram sua nota aumentada. – Isso revele que havia uma deficiência na correção- afirma.* O ministério da Educação criou mais filtros para melhorar a correção das redações. Por outro lado, em 2012 os candidatos não poderão mais pedir essa revisão. (In: Mudanças no perfil do Enem- Revista Língua Portuguesa/ julho de 2012/ p. 51, grifo nosso)

Tal movimento se dá quando de um lado o jornalista fala do lugar do discurso da ciência e de outro faz a divulgação científica, estabelecendo ligação entre o que é

divulgado para a opinião pública (*ela conta que*) e o que pensam os especialistas no assunto (*afirma*).

## 6.2. As heterogeneidades presentes no discurso de divulgação científica da revista *Língua Portuguesa*

Na revisão da literatura abordamos a questão da heterogeneidade. Observamos, com base nos pressupostos de Authier-Revuz (2004), que a heterogeneidade pode ser constitutiva ou mostrada. Authier-Revuz compreende esta última como uma questão do discurso relacionada ao interdiscurso<sup>6</sup> e ao exterior constitutivo, o que permite a sua construção. Compreende aquela como um diferencial no fato de não aparecer no linear do discurso, pois ela é constituída por meio da presença do Outro, por isso, não se toma o discurso como homogêneo. Este modo de enunciação ocorre quando o discurso se constitui na e pela presença/atravessamento do Outro.

Vejamos a sequência discursiva 5 como forma de heterogeneidade constitutiva:

SD5: Independentemente de todas as mudanças nos bastidores da correção do Enem, o que muda para os candidatos? *Segurança*. Para a maioria dos especialistas entrevistados, saber que terá acesso à correção e que sua redação passará por mais corretores deve tranquilizar os estudantes na hora da prova. (In: Polêmica instantânea- Revista Língua Portuguesa/ maio 2013/ p. 55, grifo nosso)

A heterogeneidade constitutiva está presente no SD 5 quando se interpela no discurso do jornalista a voz do outro, isto é, a do discurso cotidiano. Neste caso, na posição dos candidatos que farão a próxima prova do Enem. É na interpelação do

---

<sup>6</sup> Interdiscurso é entendido pela AD como o lugar da memória, do já-dito, do dizível. Para Authier-Revuz (1982), não há discurso que não seja perpassado pela heterogeneidade constitutiva, ou seja, que não seja constituído por inúmeros já-ditos.

discurso do outro que emerge a resposta “segurança” acerca do questionamento, que não está presente na memória do sujeito jornalista, mas sim, na memória social presente no(s) discurso(s), no dizível.

Em nossa busca pela heterogeneidade nos textos analisados, o que mais encontramos foi a heterogeneidade mostrada (marcada e não marcada), a qual revela a presença de outros discursos, ou de outras vozes indicadas na superfície do texto. Relacionada, portanto, à presença do Outro no discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004).

A heterogeneidade mostrada é recorrente no discurso relatado, pois são assinaladas no plano da frase um outro ato de enunciação (formas sintáticas do discurso indireto e direto). No discurso direto, por exemplo, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo e/ou espaço, num recorte da citação na frase, tornando o locutor como um simples “porta-voz” de um outro em seu próprio discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Tal forma é encontrada no excerto a seguir:

SD6: Quarta leitura: para Gisele não atenua o problema, pois a correção continua sendo subjetiva. Gisele, que foi coordenadora geral do Enem em 1998, primeiro ano do exame, e coordenou a avaliação das redações deste período até 2007, conta ter sido mentora do processo de digitalização das redações para a correção, o que foi um progresso. Mas defende que mais avanços deveriam ser assumidos pelo Enem. (In: Mudanças no perfil do Enem- Revista Língua Portuguesa/ julho de 2012, p. 54)

Authier-Revuz (2004), trata as formas marcadas de heterogeneidade mostradas como formas explícitas que podem ser recuperadas no nível enunciativo, a partir de marcas linguísticas que mostram a presença de outra voz. As formas explícitas são incorporadas por meio do discurso direto, o discurso indireto, a modalização, as aspas, a glosa<sup>7</sup>, o itálico e a entonação.

---

<sup>7</sup> Glosa pode ser entendida como uma interpretação de um texto, um comentário, ou anotação.

Os textos analisados são dotados, em sua maioria, de discurso direto ou indireto, de glosas e aspas. A entonação e itálico não foram encontrados nos textos que analisamos.

A SD7 começa com um exemplo de heterogeneidade mostrada, por meio do discurso indireto ao editor retratar “Segundo ela”, mais adiante, encontramos a heterogeneidade marcada pelo uso do discurso direto ao enunciar “- Há todo tipo de corretor [...]” e, depois, “comenta Prado”:

SD7: *Segundo ela*, diversos fatores contribuem para comprometer a qualidade da correção em exames do gênero: muitas provas em pouco tempo, o fato de a redação ser escaneada e às vezes dificultar ou impossibilitar a leitura na tela, e a falta de tempo e condições adequadas para o treinamento dos corretores. – *Há todo tipo de corretor*, desde o que já corrigiu a Fuvest e dá menos pontos, até os que trabalham em escolas públicas, que são menos rigorosos e valorizam variantes da língua. Em um exame dessa dimensão é impossível chegar a uma objetividade- *comenta Prado*. (In: Mudanças no perfil do Enem- Revista Língua Portuguesa/ julho de 2012/ p. 52, grifo nosso)

As formas não-marcadas, para Authier- Revuz (2004) são mais complexas, pois não estão explícitas, exigindo a reconstituição da heterogeneidade a partir do discurso indireto livre, da ironia, da imitação e da metáfora. No excerto 8 o sujeito jornalista reproduz indiretamente o que pensa o entrevistado Souza: “Souza ficou espantado com a descontextualização promovida pela mídia ao episódio [...]”

SD8: Souza ficou espantado com a descontextualização promovida pela mídia ao episódio. Segundo ele, a inclusão de um gênero numa redação não justifica por si só um escândalo, pois o restante da redação não foi ressaltado. – Uma nota máxima não significa “escritores perfeitos”. Apenas que, no contexto do Enem obtiveram um número que corresponde à nota máxima em relação a um dado nível de exigência – afirma Souza, da UFMG.



A forma não-marcada na SD8 também está presente ao jornalista se utilizar do discurso do outro, quando se utiliza das aspas para ironizar o sentido de escritores perfeitos.

Outro exemplo de ironia está no fragmento 9 quando o sujeito jornalista desloca o posicionamento e retrata o posicionamento do Inep com relação as redações utilizando as aspas para pontuar sobre acerca do que se diz sobre as inserções feitas pelo candidato no texto:

SD9: Gracinhas como essas são altamente penalizadas, mas não eliminam o inscrito. No próximo exame, no entanto, poderão anular a nota. Esta é uma das possibilidades estudadas pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), autarquia responsável pela prova. Segundo o órgão, só 300 dos 4 milhões de redações fizeram “*inserções indevidas*”, com trechos sem conexão com o tema proposto (“Movimento imigratório para o Brasil no século 21”). (In: Polêmica instantânea- Revista Língua Portuguesa/ maio 2013/ p. 28, grifo nosso)

Authier-Revuz (2004) afirma que no discurso indireto, o locutor se comporta como um tradutor, usando suas próprias palavras, remetendo a *um outro* como fonte do sentido dos propósitos que relata. Este o caso SD10, principalmente quando remete ao entrevistado Mateus Prado usando as próprias palavras para explicar como seria um caso de correção injusta:

SD10: Essa particularidade, segundo Mateus Prado, pesquisador especialista em Enem, fazia até o ano passado com que a redação funcionasse, para os candidatos, como um sorteio. Eles poderiam fazer boa redação ter boa correção, mas se tivessem uma nota mais baixa por conta de uma correção injusta, isso simplesmente eliminava a chance de ingresso em muitos cursos de ponta, como Medicina. – A mudança da correção melhorou bastante, mas poderia melhor mais. Tem gente que faz uma boa redação, mas o critério de correção é sempre subjetivo- opina Prado. (In: Mudanças no perfil do Enem- Revista Língua Portuguesa/ julho de 2012/ p. 52)

A importância da heterogeneidade mostrada está no fato dela representar os diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso. Por isso, entendemos que a heterogeneidade mostrada marca o discurso, criando um mecanismo de distância entre o sujeito e aquilo que ele diz (AUTHIER- REVUZ, 2004). Nos excertos abaixo, o jornalista se distancia do sujeito e do que ele diz quando se utiliza das aspas, pois a forma marcada de heterogeneidade mostrada possibilita que se atribua a responsabilidade de um dizer que não o dele, ao outro. Isso ocorre pela sinalização do lugar de onde vem esse dizer (as aspas), mas ao mesmo tempo, ao jornalista sinalizar, as palavras e os sentidos são compartilhados de forma dialógica:

SD 11: O MEC informa que “a presença de uma receita no texto do participante foi detectada pelos corretores e considerada inoportuna e inadequada, provocando forte penalização”. Hoje, um texto é zerado só se fugir completamente ao tema, desrespeitar a estrutura dissertativo-argumentativa, estiver em branco ou tiver sete ou menos linhas, e contiver impropérios, desenhos e outras formas propositais de anulação. (In: Polêmica instantânea- Revista Língua Portuguesa/ maio 2013/ p. 28)

O uso das aspas no discurso direto, marca a heterogeneidade mostrada na SD12, pois, mais uma vez, atribui a um dizer do jornalista, o do *outro*. Isso possibilita compreender o movimento/ deslocamento do sujeito, e, ao mesmo tempo, a presença das vozes/ de um discurso heterogêneo, pois marca o lugar de onde vem esse dizer, ao mesmo tempo, sinaliza, e compartilha as palavras e os sentido de forma dinâmica e dialógica, ao se utilizar das aspas:

SD12: A redação com receita de miojo trata do tema da prova nos dois parágrafos iniciais. Em seguida, descreve o preparo do macarrão instantâneo. Retoma o tema e conclui que “boa solução para o problema o governo brasileiro já está fazendo, que é acolher os imigrantes e dar a eles

uma oportunidade de melhorarem suas vidas”. (In: Polêmica instantânea-Revista Língua Portuguesa/ maio 2013/ p. 29)

As sequências 1 e 12 evidenciam este movimento que sujeito jornalista ocupa, de forma inconsciente, pelas posições que adota, seja pelo efeito-leitor, seja por tomar a posição *de*. Ao mesmo tempo, é nítido no discurso de divulgação científica da revista Língua Portuguesa as marcas da heterogeneidade constitutiva e mostrada.

## 7. Conclusão

As análises das doze sequências discursivas advindas do mesmo suporte permitem concluir que os sujeitos se movimentam e encaminham o dizer de acordo com as inscrições e filiações a determinados saberes. O jornalista, de seu lado, movimenta-se entre o conhecimento da ordem do comum, com o objetivo de chegar o mais próximo possível do seu leitor, constrói evidências e efeitos de verdade e de autoridade por meio do discurso do outro (GRANDO; VENTURINI, 2010). Torna mais aparente a polêmica, ao que notícia e ao que é interesse dos sujeitos envolvidos com o uso e o ensino da Língua Portuguesa.

Nesse movimento, o jornalista demonstra que sabe e ao mesmo tempo divulga esse saber, torna-o acessível, trazendo em seu texto outros discursos ditos que constituem a memória dos candidatos ao Enem e daqueles que fazendo parte da equipe de avaliação do Enem, especialistas em Letras e linguística, sustentando os dizeres e restabelecendo poderes.

A presença do outro se dá pela ausência, vezes marcada, vezes não marcada. O discurso se constitui de forma heterogênea quando o sujeito jornalista oferece espaço para o dizer *do outro* no seu discurso, para sustentar o dizer de forma constitutiva. Por outro lado, de forma mais recorrente, constatamos a presença da heterogeneidade marcada pelo discurso direto, pelo uso das aspas. A presença do

discurso indireto e indireto livre também permitiu verificarmos as formas de apresentação da heterogeneidade não marcada, inclusive pelo uso intuitivo da ironia.

Portanto, após as discussões, embora não exaustivas, com relação às heterogeneidades com escopo nas propostas de Authier-Revuz (1982; 1990; 2004) e os movimentos do sujeito em Grigoletto (2005; 2008), constatamos que todo discurso é atravessado por outros discursos, até mesmo o discurso de divulgação apresentado nos dois textos que analisamos. Feito isso, o sentido sobre o que deve ou não ser avaliado nas produções dos candidatos às provas do Enem vai estar diretamente relacionado ao entrecruzamento das vozes dos especialistas, ou não, que estão ali presentes.

Além disso, a análise dos discursos divulgados na revista *Língua Portuguesa*, permitiu-nos perceber que o tema permite mais de um olhar sobre o assunto e deve ser constante na vida do docente, pois admite observar/ perceber as várias vozes que constituem esses enunciados, os quais perpassam pelo discurso midiático e/ou de divulgação científica, e que a verdade desses discursos sempre é atravessada pela ideologia e pela memória que constituem os enunciados e os sujeitos que os enunciam.

### Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneité montrée et heterogeneité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans Le discours. In: **DRLAV – Revue de Linguistique**. Paris, 1982, p. 91-151.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade enunciativa. **Cadernos de estudos linguísticos**, 19. Campinas: IEL, 1990.

\_\_\_\_\_. **Palavras incertas** – As não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BARBOSA, M. S. **A heterogeneidade discursiva em Revistas de divulgação científica**. 2008. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/MariaSMFB.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2015.

CAMPOS, M. M. Educação infantil: o debate e a pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 101, p. 113-127, jul. 1997.

CORTES, G. R. O. Efeitos da memória da ciência no discurso de divulgação científica: uma análise do Sienceblogs Brasil In. VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 2013. Itapetinga. **Anais**. Itapetinga. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/2097/1784>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2014.

FOUCAULT, M. **Estratégia, Poder-Saber**. Organização de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GRIGOLETTO, E. **O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**. 2005. 269 f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. Do lugar discursivo à posição-sujeito: os movimentos do sujeito jornalista no discurso de divulgação científica. In: **PRÁTICAS DISCURSIVAS IDENTITÁRIAS: SUJEITO E LÍNGUA**. Porto Alegre: Anais, 2008.

GRANDO, R. K.; VENTURINI, M. C. Deslocamentos do sujeito-jornalista no discurso de divulgação científica. **Linguagem**, São Carlos, n.12 ed, abril, 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao12/>. Acesso em: 12 de abril de 2015.

MARIANI, B. C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico - A revolução de 30. In: INDURSKY, F. E.; FERREIRA, M. C. L. (orgs). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Luzzatto, 1999, p. 102- 121.

MOURA, M. B. S. Memória discursiva em Foucault. In: **Biblioteca on-line de ciência da comunicação**, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/moura-maria-betania-memoria-discursiva-em-foucault.pdf.2008>. Acesso em: 8 setembro 2010.

ORLANDI, E. P. Terra à vista. **Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto**. Formulações e Circulação dos Sentidos. Campinas-SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1975.

VENTURINI, M. C. **Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

ZAMIN, A; SCHWAAB, R. T. Relações entre lugar discursivo e efeitos de sentido no discurso jornalístico. **Estudos em jornalismo e mídia**. v. 4, nº 1., 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2221>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2014.

Artigo recebido em: 30.05.2017

Artigo aprovado em: 29.11.2017